

A VOZ DO SUBALTERNO EM A *RESPOSTA*, DE KATHRYN STOCKETT

Rodrigo de Freitas Faqueri¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo principal trazer à tona algumas considerações sobre os Estudos Culturais e determinados pontos de suas teorias. Por meio de certos pontos ressaltados pelos autores Homi Bhabha e Stuart Hall e pela autora Gayatri G. Spivak será analisado o romance *A Resposta* (2010), da escritora norteamericana Kathryn Stockett. Será visto como o sujeito considerado subalterno devido à sua condição social poderá alcançar uma voz ativa na sociedade que o despreza e o mantém isolado. No *corpus*, o grave problema da segregação racial presente nos Estados Unidos em meados de 1960 será observado do ponto de vista de empregadas domésticas negras no estado sulista do Mississippi e como elas buscarão melhorias para as suas vidas.

Palavras-chave: subalterno, segregação, *A Resposta*, mulheres.

RESUMEN

El presente trabajo tiene por objetivo principal enfatizar algunas afirmaciones acerca de los Estudios Culturales y sobre algunas de sus teorías. Por medio de puntos señalados por los autores Homi Bhabha e Stuart Hall e por autora Gayatri G. Spivak será analizado la novela *A Resposta* (2010), de la norteamericana Kathryn Stockett. También será visto como el sujeto subalterno a causa de su condición social podrá conseguir una voz activa en la sociedad la cual lo ignora y lo aísla. En el *corpus*, el gran problema de la segregación racial existente en el Estados Unidos en medios de 1960 será observado del punto de vista de las criadas negras en la provincia sudista de Mississippi y como ellas buscarán mejorías para sus vidas.

Palabras-clave: subalterno, segregación, *A Resposta*, mujeres.

Algumas considerações sobre os Estudos Culturais

Os Estudos Culturais contemplam as pesquisas que evidenciam as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais. Mais do que isso, trata-se da necessidade de se desmistificar a idéia de que as teorias e pesquisas sobre uma determinada sociedade devem ser baseadas em análises feitas por parte de intelectuais voltados para a chamada *alta* cultura. Esses Estudos são

a identificação explícita das culturas vividas como um projeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas; a crença de que as classes populares possuíam suas próprias formas culturais, dignas de nome, recusando todas as denúncias, por parte da chamada alta cultura, do barbarismo das camadas sociais mais baixas; e a insistência em que o estudo da cultura não poderia ser confinado a uma disciplina única, mas era necessariamente inter, ou mesmo anti, disciplinar (SCHWARZ, 1994: 380).

Com esse pensamento de que a cultura é toda expressão caracterizadora de uma sociedade, os Estudos Culturais trazem à tona as mudanças sociais que ocorrem em diversas localidades do mundo, focando-se não só nas vozes que foram “esquecidas” ao longo dos tempos e que também representam uma identidade cultural. A multiplicidade de objetos de investigação também caracteriza os Estudos Culturais. Isto resulta da convicção de que é impossível abstrair a análise da cultura das relações de poder e das estratégias de mudança social.

Antes, a cultura de uma nação era baseada nos costumes, hábitos, tendências, produções artísticas, etc. de uma específica parte da sociedade, classificada como a elite daquele povo. Com isso, deixavam-se de lado as manifestações artísticas e culturais decorrentes da camada popular. Para Spivak (2010: 14), essas produções eram suprimidas, pois representavam a classe subalterna que não possui voz ativa na sociedade, ou seja, que não pode ser ouvida. Segundo ainda a autora, o termo subalterno descreve

as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante. (*idem*: 12)

É nesse contexto que o presente trabalho vem se alicerçar, pois o *corpus* escolhido revela a voz subalterna suprimida na década de 1960 nos Estados Unidos e que deseja emergir para, enfim, se tornar membro pleno do estrato social. O livro *A Resposta* (2010), cria a possibilidade de se tomar conhecimento da posição das empregadas domésticas negras em um estado sulista (Mississippi) e suas vidas invisíveis para as famílias brancas para as quais elas trabalhavam. Mais do que isso, a obra apresenta a possibilidade de

subalternas serem ouvidas em meio às torturas e às crueldades da segregação racial no país e também de poder mostrar que, sim, elas ouvem, falam, vêem e fazem parte também da sociedade em questão.

Em *A Resposta*, as vozes das empregadas domésticas negras Aibileen e Minny, darão novas perspectivas para se descobrir como era ser negra nessa época e por qual razão era necessário haver rápidas mudanças. Além dessas vozes, existe uma voz que se reveza na subalternidade e na intelectualidade: Skeeter, uma moça branca, formada em jornalismo que deseja escrever e não somente se casar como era o dever das moças brancas da época. Ela é quem torna as vozes de Aibileen e Minny ativas quando deseja escrever um livro sobre as histórias das famílias brancas, mas sendo contadas pelas suas empregadas domésticas negras “invisíveis”.

Para essa análise, as considerações de Stuart Hall em seu livro *A identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2011) e por Homi Bhabha em *O Local da Cultura* (1998) são de grande importância, pois refletem, entre outros pontos, sobre a influência da mídia no homem, o estereótipo, a discriminação, o espaço pós-moderno e trazem também interessantes definições sobre o termo “raça”. Diversos pontos são inerentes à análise do *corpus*, pois refletem sobre a formação da identidade de uma determinada sociedade. Além desses autores, o estudo será baseado no ensaio produzido pela autora indiana Gayatri Spivak, *Pode o subalterno falar?*(2010), em que são tecidas considerações de quem é esse sujeito que não possui voz ativa em seu povo e como ele pode sair dessa passividade, sendo, principalmente, a mulher negra, o sujeito renegado.

Cabe salientar que será feito um recorte do *corpus* por este ser extenso e porque o objetivo deste breve estudo é por em evidência alguns questionamentos referentes às teorias produzidas para os Estudos Culturais. Será focado o desejo do sujeito subalterno ser ouvido e quais mudanças podem ocorrer na sociedade com uma manifestação verbal ativa feita por esse subalterno em questão. Também serão destacados os meios utilizados para essa manifestação e quais os riscos possíveis nesse cruzamento dos limites entre as raças em determinada época. Além disso, mostrar-se-á que a produção literária é um dos canais pelo qual é concedido ao subalterno o direito de se expressar.

Sim, o subalterno fala!

Em *A Resposta*, três mulheres se unem para dar voz a uma parte da sociedade americana suprimida e sufocada por anos de lutas contra leis e atitudes racistas nos Estados Unidos em meados de 1960. Aibileen, Minny e Skeeter juntam suas vozes para entoar em coro uníssono que, não só a cidade de Jackson e o estado do Mississippi, mas sim todo o território estadunidense necessita ouvir àqueles que são marginalizados para acabar com as injustiças monstruosas feitas aos negros na época.

Aibileen é uma empregada negra, mulher sábia e fisicamente imponente, que já está criando sua décima sétima criança branca. Sua vida mudou depois da perda de seu filho de 24 anos, morto em um acidente de trabalho pois não recebeu nenhuma assistência de seus patrões. Ela é devotada à menininha de quem cuida, apesar de saber que quando ficar mais velha, a mocinha não terá mais uma relação de afeto com ela, mas provavelmente de desprezo e afastamento. Já Minny, a melhor amiga de Aibileen, é uma mulher baixinha, gorda e considerada a empregada de maior boca-suja do Mississippi. Cozinha como ninguém, mas não consegue controlar sua própria língua e, por isso, perde um emprego atrás do outro. Por fim, Skeeter que possui 22 anos de idade e acabou de voltar para a casa dos pais após graduar-se na universidade de Ole Miss. Possui um diploma, mas vive em Jackson, em 1962, e sua mãe não vai sossegar até ver a filha com um anel de noivado no dedo.

Como se pode observar pela breve descrição, as três mulheres não são consideradas sujeitos ativos pelos costumes, hábitos e leis de uma geração ao qual pertenciam. Aibileen e Minny mais ainda por serem mulheres de cor em um estado sulista a favor da segregação como Spivak (*ibidem*: 85) mesmo afirma “evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.” Essa situação se agrava quando uma amiga (dona Hilly) da patroa de Aibileen e amiga também da dona Skeeter (como é tratada pelas duas empregadas) cria o “Projeto de Higiene para Empregadas Domésticas” como medida para prevenir doenças. O projeto formulado tinha a proposta de que toda casa branca tivesse um banheiro separado para as empregadas de cor. O assunto vem à tona quando, em uma reunião do clube de bridge na casa de dona Leefolt (patroa de Aibileen), dona Hilly quer ir ao banheiro e sua amiga pede que ela use o lavabo:

- Mas o lavabo é onde a criada vai – diz a dona Hilly.

Ninguém diz nada por um segundo. Então, a dona Walter balança a cabeça pra cima e pra baixo, como que explicando tudo.

- Ela está chateada porque a negra usa aquele banheiro e nós também.
(STOCKETT, 2010: 15)

Neste trecho, é perceptível a situação da mulher negra na época: total repressão por parte até da própria camada feminina, porém branca, dos Estados Unidos. A situação do sujeito subalterno é totalmente evidenciada pelo desconforto gerado pelos comentários feitos na frente de Aibileen, que é forçada a se retirar para que o assunto continue:

Senhor, essa confusão de novo não. Todas elas olham para mim enquanto tou arrumando a gaveta das pratarias no aparador auxiliar, e eu sei que é hora de dar no pé. Mas, antes de eu conseguir colocar ali a última colher, a dona Leefolt me olha e diz:

- Vá pegar mais chá, Aibileen.

Faço como ela diz, mesmo se as xícaras delas tão² cheias até a borda.
(*idem*, 2010: 16)

Aibileen é retirada do ambiente pois ela não pode e nem deve opinar sobre determinado assunto. Sua posição quanto à situação é de total submissão, caso contrário, sua demissão por expressar-se seria certa. Esse desconforto gerado pela presença da empregada enquanto ocorria a conversa entre as patroas brancas reforça as palavras de Homi Bhabha sobre a condição de alguém que é renegado pela sociedade que o rodeia quanto à sua intelectualidade e expressão pública e controlada socialmente:

(...) sempre que “Negro sujo” ou “Olha, um negro!” não são ditas, mas aparecem em um olhar, ou são ouvidas no solecismo de um silêncio profundo (...) lembro-me do que significa ser *não apenas um negro*, mas um membro dos marginalizados, dos deslocados, dos diaspóricos. Estar entre aqueles cuja própria presença é “vigiada” – no sentido de controle social – e “ignorada” – no sentido da recusa psíquica – e, ao mesmo tempo, sobredeterminada – projetada psiquicamente, tornada estereotípica e sintomática. (1998: 326 e 327)

As palavras não ditas pelas mulheres brancas atingem da mesma maneira Aibileen pelo olhar que todas elas inferem à empregada quando o assunto se torna pauta de discussão. Mesmo sendo forçada a sair do local, a empregada sente a pressão do assunto por ser inerente a diversas discussões sobre os direitos civis na época e por também fazer parte de uma guerra “silenciosa” vigente no momento.

Apesar das passeatas pacíficas e os manifestos de Martin Luther King, na região norte do país e também na capital em 1961 e 1962, em favor dos direitos dos negros que

² Foram preservados os termos utilizados pela tradutora para indicar a coloquialidade existente na fala das personagens a fim de se dar mais veracidade à situação de subalternidade sofrida pelas mulheres negras. Essa coloquialidade existente nas falas de Aibileen e também de Minny reforçam seu estado inferior em relação às personagens brancas contidas na história.

começavam a dar expressão social a uma classe totalmente rejeitada, a situação no sul era muito mais intensa e mais violenta. Negros eram atacados por apenas estarem na mesma calçada que um branco ou então por se sentarem em um banco de ônibus destinado à aos brancos ou até mesmo por freqüentarem a mesma lanchonete que uma pessoa branca. No excerto abaixo, Aibileen se encontra com Franny Coots, outra empregada que freqüenta a mesma igreja que ela. Franny comenta sobre um fato ocorrido recentemente:

Franny baixa um pouco a cabeça e diz:

- Você ficou sabendo o que aconteceu com o neto da Louvenia Brown hoje de manhã?

- Robert? – pergunto. – Que cuida dos jardins?

- Usou o banheiro dos brancos na Pinchman Lawn and Garden. Dizem que não tinha nenhuma placa avisando. Dois homens brancos foram atrás dele e espancaram ele com uma chave de biela.

Oh, não. *Robert* não.

- Ele... tá...?

Franny faz que não.

- Ainda não sabem. Ele tá no hospital. Ouvi dizer que tá cego.
(STOCKETT, 2010: 135)

Nota-se a repressão e a falta de um ambiente favorável para que, nesse caso, um negro pudesse viver tranquilamente nas ruas do Mississippi na década de 1960. Mesmo com o direito, os negros não se atreviam a aparecer nos locais de votação com medo de serem espancados até morte por simplesmente exercerem um ato de cidadania formador da Constituição Americana. A situação de subalternidade é imposta de forma brutal e grotesca, inibindo qualquer manifestação vinda por parte desse sujeito sufocado. Outro fato que comprova esse pensamento de recusa é quando Aibileen descreve os bairros da cidade. Os bairros brancos são bonitos e rodeados de terras que, em breve, servirão de novos belos bairros para quando a população desta parte da cidade crescer. Já a parte negra da cidade vive uma situação menos agradável quanto ao contingente populacional:

Então, é mais um dos bairros brancos depois do outro, com outros tantos brotando do chão mais adiante. Mas a parte negra da cidade, bem, a gente é como um grande formigueiro, cercado por terras do governo que não tão à venda. Os nossos números só aumentam, mas a gente não tem pra onde se espalhar. A nossa parte da cidade tá ficando cada vez mais cheia.
(*idem*, 2010: 22)

Quanto às mulheres brancas, o processo de subalternidade também as atingia caso desejassem sair dos padrões femininos instaurados na época: casar-se até os 25 ou 30 anos, ter filhos, viver exclusivamente para eles e para os afazeres da casa. O máximo

tolerado era a participação em Ligas Femininas que angariavam fundos, ironicamente, para ações sociais em prol das crianças famintas na África.

A personagem Skeeter é o modelo dessa mulher que enfrenta as tradições históricas e sofre com as regras que lhe são impostas. Formada em jornalismo enquanto todas as suas amigas de mesma idade já se casaram, ela vê na empregada que a criou, Constantine, uma figura em que ela consegue ter total admiração e motivação para ser quem ela deseja na vida. Esse pensamento já a torna totalmente diferente das demais mulheres brancas que jamais veriam em uma mulher de cor admiração e respeito. Por ter em si esses valores, Skeeter é quem proporciona a oportunidade do sujeito subalterno em questão ser ouvido. Apesar de estar também em uma situação subalterna por ser mulher, ela possui a condição para efetivar a voz calada até então.

Considerações finais

Quando decide procurar um emprego de escritora em uma redação de jornal, Skeeter começa a dar o tom inicial ao processo que vai desencadear no protesto contra as agressões sofridas pelos negros. Surge, então, a oportunidade de ela escrever sobre algo novo, sobre as histórias que mostram como é para uma negra trabalhar para uma família branca. Quando esta idéia nasce, nasce a esperança de mudança para as situações adversas e começa a surgir a voz que deve ser ouvida pelos outros.

Mesmo receosa e após muita insistência por parte de Skeeter, Aibileen sente que este é o momento ideal para que haja transformações nas condições de vida de seu povo. Para que o projeto dê certo, porém, é necessário que várias empregadas criem coragem também e consigam contar suas histórias, sejam elas boas ou ruins. A motivação inicial para que Aibileen fale é o projeto de higiene elaborado por Hilly. Para as outras empregadas será o assassinato do secretário da NAACP³, Medgar Evers, em frente de sua casa e de sua família e a prisão de Yule May, empregada de Hilly que fora acusada injustamente de roubo pela patroa:

Naquela noite, subo os degraus que levam até a porta de Aibileen às oito em ponto. Essa deveria ser a primeira entrevista com Yule May, e, mesmo sabendo que ela não vai acontecer, decidi vir. (...)

Bato à porta de Aibileen e sinto uma enxurrada de vergonha. (...) A porta NAACP mim. (...) Aibileen levou as cadeiras da cozinha para a sala, mas a maioria das pessoas está de pé. (...)

³ NAACP: National Association for the Advancement of Colored People

O reverendo careca enxuga os olhos com um lenço.

- Obrigado, Aibileen, por nos receber na sua casa para rezar. – As pessoas começam a se movimentar, dizendo boa-noite umas às outras, com solenes sinais de cabeça. Bolsas são apanhadas, chapéus são colocados na cabeça. O reverendo abre a porta, deixando entrar o ar úmido lá de fora. Uma mulher com cabelos crespos e grisalhos e um casaco preto o segue de perto, mas então para bem em frente de onde estou abraçada à minha bolsa.

A capa de chuva dela se abre e revela um uniforme branco.

- Dona Skeeter – diz ela, sem sorrir – Vou ajudar a senhorita com as histórias. (...)

Depois da seguinte, começo a contar. Cinco. Seis. Sete. Aceno a cabeça para elas, não posso dizer mais nada além de obrigada. Obrigada. Sim, obrigada, para cada uma. Meu alívio é amargo, foi preciso o encarceramento de Yule May para nos levar a isso.

Oito. Nove. Dez. Onze. Ninguém está sorrindo quando diz que quer ajudar. A sala se esvazia, exceto por Minny. Ela está de pé no canto mais distante, os braços dobrados em cima do peito. (...) eu vejo um movimento em seus lábios, um esboço de doçura por baixo da raiva. Foi Minny quem fez aquilo acontecer. (STOCKETT, 2010: 326-329)

Cansados de sofrerem atrocidades, esses sujeitos subalternos, motivados pelos sentimentos de revolta e ira, decidem fazer com que suas vozes carregadas de protestos em busca de melhorias sejam ecoadas por todo o país. Mais do que um eco, essas vozes se tornam em um coro forte e vivo em busca de alguém possa ajudá-lo a ser reconhecido como membro com igual importância nessa sociedade.

A partir de então, inicia-se a formulação do meio de comunicação em que essas experiências serão transmitidas para todos os Estados Unidos. Skeeter e Aibileen começam um trabalho árduo para fazer as entrevistas, editá-las e mandá-las para editora em um prazo quase impossível. Quando publicado, o livro demonstra uma vitória dessa parte da população que não tinha voz ativa e que nesse momento passou a ter um representante maciço em seu nome. A repercussão da publicação do livro chega ser notória quando ele é resenhado em um programa televisivo local da cidade de Jackson. Mesmo com comentários negativos sobre o livro, pois este traz histórias de vida de negros, o livro ganha força como expoente desse desejo de liberdade por parte dos negros. Nesse momento, mais do que falar, o sujeito subalterno consegue, enfim, ser ouvido.

Portanto, pode-se concluir que esse sujeito reprimido pelas classes sociais dominantes pode ser ouvido por intermédio de um intelectual que não o represente, mas que possibilite o aparecimento das opiniões e dos pensamentos desse sujeito, até então,

marginalizados e excluído da sociedade em que faz parte. É com essa perspectiva que ele ganhará representação política e legal, além de ser um membro ativo da sociedade. Também se comprova a idéia de que o sujeito subalterno consegue, por meio da produção literária, ter participação ativa no meio em que está inserido e que seja percebido por essa atitude de denunciar sua realidade, buscando melhorias para a mesma.

Referências bibliográficas

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

SCHWARZ, Bill 1994: *Where is cultural studies?*. *Cultural Studies*, 8 (3), 377-393.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subaltern falar?*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

STOCKETT, Kathryn. *A Resposta*. Tradução de Caroline Chang. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.